



A CAIXA DE PAPELÃO COMO OBJETO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA DE CRIANÇAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA

José Eduardo Calliari¹
UDESC – DAV (CEART)
Associado/a/e ANPAP: não

RESUMO

A partir de uma perspectiva histórico-crítica, enfatizando uma elaboração estruturada e propositiva da educação infantil, esse texto aborda a criação de um objeto pedagógico a partir de caixas de papelão para uso em várias aulas com crianças de 1 a 3 anos. O resumo parte da premissa que caixas de papelão são de fácil e pouco custosa obtenção em cidades, ao mesmo tempo que apresentam um enorme potencial para criação de dispositivos altamente desenvolventes. A partir da versatilidade dos construtos de papelão é possível abordar inúmeros aspectos da experiência artística de forma otimizada para o período do desenvolvimento dos alunos, além de possibilitar a retomada do mesmo objeto para ser novamente mais profundamente elaborado em diversos momentos, criando possibilidades emergentes.

PALAVRAS-CHAVE

Brinquedo. reutilização. brincadeira. ensino infantil. pré-escola.

1. Introdução

A cultura lúdica tem suas raízes na interação precoce do filho com a mãe, nas primeiras tentativas de reprodução e compreensão do comportamento adulto, como atestado por Kishimoto (2008, p. 21). Apontando assim já na mais tenra idade a importância da brincadeira na educação do ser humano. A brincadeira (Garantida por lei à criança, o direito de: “brincar, praticar esportes e divertir-se” (Brasil, 1990)), é definida como uma reconstrução não utilitária das relações humano-sociais por Pasqualini e Lazaretti (2022, p. 63), enfatizando assim a premência da superação de perspectivas naturalizantes da brincadeira que orientem a concepção do ensino para uma perspectiva espontaneísta a estilo *laissez-faire*.

Brinquedos aparecem desde cedo nas brincadeiras infantis, como destaca Vigotski (1991, p. 62), argumentando ser impossível ignorar que a criança satisfaça certas necessidades no brinquedo e ademais expõe que em suas investigações concluiu ser: “no brinquedo que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva, ao invés de numa esfera visual externa, dependendo das motivações e tendências internas, e

¹ Natural de Ouro, SC. Ingressou no curso de Licenciatura em História pela UFSC, agora graduando em licenciatura em Artes Visuais pela UDESC. <http://lattes.cnpq.br/1038172977583494>.



não dos incentivos fornecidos pelos objetos externos” Vigotski (1991, p. 64). Aliando este conhecimento as contribuições de Saviani (2011) que apontam como papel do professor na sala de aula o de mediador entre o conhecimento sincrético de seus alunos e seu conhecimento sintético sobre o conteúdo, podemos perceber que o desenvolvimento de uma ferramenta de ensino que cumpra o papel de brinquedo tem um enorme potencial desenvolvente.

Para elaboração de tal ferramenta fazemos uso do conceito de *objeto pedagógico*, como descrito por Salvan, que coloca o conceito em viés para crianças do período de desenvolvimento aqui abordado:

Os objetos pedagógicos vão ao encontro da criação dos brinquedos a serem usados nas práticas educativas com os bebês, cujos materiais pedagógicos seriam um recurso a partir do qual as crianças, durante as aulas, poderiam realizar a manipulação, com a mediação do professor de arte (pesquisadora). Isso contribuiria para seu desenvolvimento estético, de forma a respeitar a atividade-guia do período do desenvolvimento em que as crianças se encontravam, sendo a comunicação emocional direta e objetual-manipulatória que compõe a época da primeira infância. (Salvan, 2023, p.25).

Estabelecida a viabilidade teórica da criação de um brinquedo como força motriz de uma atuação pedagógica, é do interesse público assim como de todo educador que a educação de qualidade esteja disponível a todas as crianças. Fato esse que traz à tona um desafio econômico, o da reprodutibilidade e acesso a esses brinquedos, o que levou a uma investigação de materiais acessíveis em lugares e contextos diversos. A presença constante de caixas de papelão em instituições e comércios reforça sua acessibilidade como material educativo.

Atentos as bases da pedagogia histórico-crítica de Saviani (2011) que partem da atividade pedagógica a realidade social que os discentes se encontram, podemos ver as caixas de papelão tanto como material acessível, quando simbólico de seus contexto sócio-cultural, sendo possível encontrá-las em diversos tamanhos, padronizados, com superfícies resistentes ao mesmo tempo que maleáveis, dando margem para uma das intenções da proposta de usar como objeto pedagógico guia de diversas atuações.

2. Caixas como brinquedos dentro do ensino da arte

Na atuação pedagógica se faz necessário guiar o interesse do aluno para o conteúdo abordado para que se torne possível a mediação dos conhecimentos, porém como fazer isso? Principalmente levando em conta as exposições das descobertas de Vigotski por Franco e Chaves (2016, p. 116) de que a manipulação objeto se dá por ensaio e erro, a criança o usa conforme acha interessante, depois



troca quando acha que não encaixa mais com o significado que lhe havia designado. Os novos objetos acabam sendo escolhidos ao acaso. A solução para isso pode ser então um objeto polissêmico e mutável, que abrace não só diversas aproximações como também esteja aberto a manipulações que mudem sua percepção estética para se encaixar às narrativas fantasiosas infantis.

Como configurar as caixas de papelão para apresentar um conceito artístico? Podemos tomar nota do escrito sobre escultura de Robert Morris (1966) no qual o escultor e crítico atesta que “*simplicity of shape does not necessarily equate with simplicity of experience*” (“Simplicidade da forma não necessariamente se iguala a simplicidade da experiência” em tradução livre), e pensar na caixa como um brinquedo de certa forma, minimalista onde a atividade proposta tem de estar presente em sua essência para permitir que no contato com o brinquedo a criança encontre essas características espontaneamente no decorrer de sua brincadeira e em mediação com o adulto explore-as, com o docente apontando nomes, conceitos e guiando a brincadeira para a percepção da função social do objeto interpretado dentro da brincadeira pela caixa de papelão.

O brinquedo também tem um papel crucial no desenrolar da fantasia e do desenvolvimento infantil nesse período de desenvolvimento: como um objeto transicional entre a realidade e a imaginação (Vigotski, 2018). Com o conhecimento dessa informação podemos planejar uma implementação pedagógica que faça proveito de narrativas da fantasia infantil já preestabelecidas, como por exemplo contações de história prévias e semelhanças na apresentação estética das caixas com outros objetos à tal qual: casas, eletrodomésticos, relevos, se aberta em duas extremidades, túneis e troncos ocos, se empilhadas partes de um todo maior à moda de blocos de concreto, degraus e seções de uma torre. E na elaboração de uma narrativa fantasiosa, seja para uma contação de história seja em uma elucubração emergente em sala de aula podemos fazer uso do momento de desenvolvimento do simbólico da linguagem corrente na primeira infância (Franco e Chaves, 2016, p. 112) para apresentar para criança o trabalho que ela faz de reimaginar a caixa como similar ao trabalho do artista ao reimaginar a sua matéria prima em obra, já encaminhando-a para o eventual momento em que o jogo de papéis será mais dominante em seu desenvolvimento (Idem).

Essa fase do desenvolvimento (infância precoce) tem como fator propulsor a conquista da capacidade de locomoção, como elucidado por Franco e Chaves (Idem, p. 118), caracterizada a diminuição da comunicação emocional com o adulto e a intensificação da atividade objetual manipulatória, resultando no surgimento de uma unidade entre função sensorial e motora (exemplificado por exemplo pela possibilidade de a criança tornar-se capaz de se locomover e ir tocar no que vê). Então também há de se pensar a caixa em um contexto de brincadeira que propicie e proponha a locomoção, como pontos de interesses dentro e fora, em faces diferentes, em caixas espaçadas ou em superfícies ocultas das caixas que aticem a curiosidade e criem o ambiente para o movimento espontâneo da investigação dos alunos.



Em Vigotski (2018) é representada a criação imaginativa como um processo combinatório entre registros mnemônicos, um impulso criativo de recombinação da sua realidade criando uma fronteira porosa e permeável entre realidade e fantasia. Tais observações podem guiar a elaboração de objetos pedagógicos que façam proveito da facilidade em modificar a forma do papelão, de modo tanto permanente como reversível, preservando ainda considerável rigidez estrutural para após a utilização como suporte para atividade em uma aula, as caixas possam retornar, mantendo a memória de elaborações passadas presente. Surgem então inúmeras possibilidades para atividades que envolvem conteúdos relacionados a prática criativa facilitarem o processo de novas elaborações e solidificarem conhecimentos prévios. A efetividade de um planejamento tal é atestada por Franco e Chaves (2016, p. 113) que explicitam a percepção como foco desta idade, na qual a criança não tendo elaborado bem as funções da memória e atenção consegue tecer relações entre objetos mas eles precisam estar presentes. Ou seja, atrelar conceitos ao objeto físico da caixa, propicia, na manipulação do aluno, as condições necessárias para alcançar intelectualmente uma síntese dos conteúdos apresentados.

Além de adequadas e adaptáveis aos mecanismos de aprendizado humano, as caixas também oferecem suporte para amplas e diversas intervenções e caracterizações artísticas. Suas superfícies planas de papel fazem-nas bons suportes para o desenho; gramatura superior ao sulfite, adequam-nas como suportes à pintura; rigidez estrutural as fazem propícias formulações esculturais; tem prática desmontagem e armazenamento; sua penetrabilidade propicia relações de instalações penetráveis;

A possibilidade de manter suas superfícies ancoradas perpendiculares ao chão, em ângulos ou até mesmo suspensas permite processos em posição análoga ao cavalete; sujeito deitado com suporte imediatamente acima; exposição e reorganização do espaço expositivo; explorações com perspectiva, etc;

A facilidade de reparo e transformação das caixas favorece sua reutilização em sala de aula. Vigotski também discorre sobre “[...] as imagens que possuem um signo emocional comum, ou seja, que exercem em nós uma influência emocional semelhante, tendem a se unir, apesar de não haver qualquer relação de semelhança ou contiguidade explícita entre elas [...]” (Vigotski, 2018, p. 28), fato que pode ser aproveitado sob a ótica do recorte e reelaboração como forma de habilitar uma permanência desse signo emocional ao longo da jornada dessas caixas-brinquedo.

A literatura é enfática na complexidade das peculiaridades que o ensino de crianças na infância precoce apresenta e preparar uma receita coringa para uma proposição pedagógica é um desafio cientificamente insolúvel ainda. Porém este resumo busca se aproximar de uma alternativa de “chassi metodológico”, utilizando o brinquedo como ponto central se aproveitando da brincadeira que se mostra ponto central do desenvolvimento psíquico desta fase da vida, para dar suporte a um sem número de atividades, apresentando um modelo de proposta que vem de uma concepção materialista da docência, para em uma infinidade de objetos que podem tornar-se



brinquedo, tornar-se objeto pedagógico, propor uma opção que converse com a cultura da sociedade brasileira contemporânea e não apenas seja símbolo da arquitetura econômica de produção, mas também que façamos uso dessa arquitetura para criar um formato acessível nas mais diversas empreitadas educativas. As caixas de papelão além de sua origem tem uma enorme plasticidade para abranger uma ampla gama de conteúdos artísticos para serem compreendidos pelos infantes da maneira mais desenvolvvente o possível.

Referências

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 jul. 1990.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Organizadora). O brincar e suas teorias. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

CHAVES, Marta; FRANCO, Adriana de Fátima. Primeira Infância : Educação e cuidados para o desenvolvimento humano In: MARTINS, Lígia Marcia; et. al (Organização). *Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice*. Ed. 1. Campinas, SP: Autores associados, 2016.

MORRIS, Robert. Notes on Sculpture. Artforum 4, no. 6 (Fevereiro, 1966), esp

PASQUALINI, Juliana; LAZARETTI, Lucinéia. Que educação infantil queremos? Ed. 1. Bauru - SP: Editora Mireveja, 2022.

SAVIANI, Demerval. Pedagogia histórico crítica: primeiras aproximações. 11 ed. Campinas, SP : Autores associados, 2011.

VIGOTSKI, Liev S. Imaginação e criação na infância. 1. ed. Expressão Popular: São Paulo - SP, 2018.

VIGOTSKI, Liev S. A Formação Social da Mente. Martins Fontes: São Paulo - SP, 1991.